

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIA
10 de Abril de 2026

PROJECTO GLOBAL / 2026

Um filme de Ivo M. Ferreira

Realização: Ivo M. Ferreira/ **Argumento:** Ivo M. Ferreira – Hélder Beja /**Direção de fotografia:** Vasco Viana /**Som:** Rafael Cardoso /**Assistência de Realização:** Emídio Miguel /**Anotação:** André Godinho / **Direção de Arte:** Nuno Mello /**Figurista:** Lucha d'Orey /**Chefe Cabeleireiro:** René Jordan /**Maquilhagem:** Fabienne Adam/ **Montagem:** Sandro Aguilar /**Música Original:** Nik Bohnenberger /**Texturas Sonoras** Eva Aguilar /**Pós-Produção de Som:** Aaron Baustert – Tiago Matos /**Diretora de Produção Adjunta:** Mônica Noronha /**Direção de Produção:** Joaquim Carvalho – Fernand de Amorin /**Produtores:** Luís Urbano – Sandro Aguilar – Donato Rotunno/**Produção:** O Som e a Fúria – Tarantula/ **Cópia:** DCP, cor, 141minutos.

Elenco: Jani Zhao, Rodrigo Tomás, José Pimentão, Gonçalo Waddington, Isac Graça, João Catarré, Ivo Canelas, Hugo Bentes, Isabél Zuaa, João Pedro Mamede, Pedro Marujo, João Estima, Adriano Luz, Ana Tang, Lee Zhao Ferreira, Alyne Fernandes, David Pereira Bastos, Gonçalo Cabral.

Com a presença de Ivo M. Ferreira

Depois de quase 50 anos de ditadura fascista, a 25 de Abril de 1974, os militares saem dos quartéis e o povo enche as ruas; juntos, transformam um golpe na Revolução dos Cravos. São tempos marcados por uma felicidade urgente, por um sonho de transformação que parece alcançável, pela convicção profunda de que o mundo pode, enfim, começar de novo.

Toda uma geração se politiza, efervescente, convencida de que também terá um papel decisivo na revolução: não é à juventude que compete acender a fâsca das grandes transformações? Alimenta-se do imaginário heroico da Revolução Cubana, do mito de Che Guevara, do clamor “Imaginação ao Poder!” de Maio de 1968.

Chegados a 1980, estão desapontados com o rumo que o país tomou e com o que veem como o desmantelamento das conquistas de Abril - a reprivatização das fábricas, o fim da reforma agrária. Depois de várias tentativas da extrema-direita para recuperar o poder (duas tentativas de golpe de estado em 74 e 75, mais de 600 atentados e acções violentas entre 1975 e 77), instala-se o medo de que o fascismo possa regressar. É nessa ressaca da festa, nesse clima de tensão e ansiedade, que um grupo armado de extrema-esquerda entra em acção. Entre 1980 e 1986, o país torna-se palco de atentados, assaltos e execuções de motivação política. As Forças Populares 25 de Abril (FP-25) provocam a morte de pelo menos 18 pessoas - quatro delas militantes - e ferem dezenas de outras, deixando a sociedade portuguesa profundamente abalada.

Em miúdo, eu praticamente vivia no Teatro da Comuna onde os meus pais eram actores. Num dia de 1984, chegou um carro do qual saíram dois homens que claramente não pertenciam àquele mundo. Aproximaram-se da minha tia, e esta, antes sequer de abrirem a boca, apenas disse aos polícias: “Tenho a mala feita no porta-bagagens do carro há seis meses. Não precisamos de passar por minha casa.” Levaram-na presa e só a voltei a ver na cadeia. Os meus pais explicaram-me que talvez outras pessoas que conhecíamos fossem detidas. “Não te preocupes”, disseram, “não temos ligação com a organização nem a apoiamos. Em democracia, quando se quer poder, vai-se a eleições, como os outros sacanas.” O carro da tia ali ficou, abandonado, estacionado à porta do teatro, a ganhar ferrugem.

As FP-25 são contemporâneas da Baader-Meinhof, da ETA, do IRA ou da Action Directe; mas, sem uma causa territorial ou identitária que as enquadrasse, permanecem difíceis de compreender.

Em 2026, a sociedade portuguesa - como a população mundial em geral - está profundamente polarizada e longe da energia transformadora que um dia animou o 25 de Abril ou Maio de 68. Neste presente fatigado, é difícil pensar este grupo que se via como um “exército de manutenção”. Projecto Global mergulha nesse tempo, ao lado de homens e mulheres movidos pela convicção de que resistir ao retorno do fascismo é não só necessário, mas inevitável. Na verdade, o fascismo nunca regressou - pelo menos até agora.

O filme põe em cena as acções violentas que aterrorizaram Portugal: os sucessos operacionais, os erros trágicos, o medo da traição, as expectativas, o companheirismo, a perda de uma bússola ideológica e moral, e o oportunismo que define os caminhos dos nossos anti-heróis. Muitas das cenas - adaptadas de acontecimentos reais contados por antigos operacionais - roçam o burlesco, não fosse esta uma realidade portuguesa, marcada pelo imprevisto.

Projecto Global fala-nos de um sonho de igualdade do qual se é forçado a acordar, e da dificuldade em aceitar a derrota quando as ideias colidem com a realidade, feita de compromissos, interesses, mesquinhez e abdições. Oscilamos entre a euforia de querer mudar o mundo e um desespero insidioso.

A produção de obras artísticas sobre os movimentos que atravessaram a Europa nas décadas de 1970 e 80 pode ajudar a compreender a história contemporânea do continente. Interessa-me o que têm em comum com os movimentos actuais, incluindo os protestos pacíficos, com os quais partilham o sentimento de revolta.

Tal como Cartas da Guerra (2016), Projecto Global contém violência, uma dimensão política e memórias difíceis de enfrentar. Acredito que o filme pode contribuir para apaziguar algumas das feridas que permanecem abertas.

No cinema dos anos 1970, que sempre amei, havia espaço para a ambivalência moral, para personagens contraditórias, para o espectador criar o seu próprio significado. Projecto Global procura essa liberdade: observar sem julgar, filmar sem explicar tudo, permitir que a dúvida - e não a certeza - ocupe o centro da narrativa, confiando que o espectador saiba que a realidade raramente cabe num gesto simples.

Trabalhámos a câmara com a mesma energia dos corpos: correndo atrás deles, seguindo o impulso do instante, admitindo a imperfeição – semelhantes aos erros das próprias personagens. Não queríamos estar à frente delas, mas deixar que nos guiassem, como se o filme tivesse de aprender a respirar com elas.

O olhar é crítico, claro, mas também regado de ternura. Gosto delas, apesar dos erros muito pouco humanistas que não compreendo e que me enfurecem. A contradição faz parte das personagens – faz parte deste filme, e da vida.

Persigo em Projecto Global um cinema que luta por manter uma vivacidade interna, um cinema de impulso, de falha, de rasgo. Trabalhei com os actores precisamente isso: o erro como método, a hesitação como verdade. Não é um filme que simplifica, porque não podia ser - ou não queríamos que fosse - panfletário.

Essa tensão entre a utopia que se deseja e os erros que se cometem na sua busca é o coração moral de Projecto Global.

A TODOS OS QUE FIZERAM PARTE DESTA AVENTURA, MUITO OBRIGADO!

Ivo M. Ferreira